

Apresentamos aos leitores e leitoras mais um número da Revista Psicologia em Estudo. Este volume condensa, nas linhas que se seguem, o trabalho imensurável que tornou possível a produção das pesquisas aqui descritas e todo o processo de sua transformação em artigo público. Pesquisadores(as), editores(as), pareceristas, tradutores(as), revisores(as) e colaboradores(as) dedicaram-se à construção deste trabalho que, nessa Revista, como em outras deste país que apenas existem porque vinculam-se a universidades, se deu em meio a greves e severos cortes de verbas. Em um contexto de múltiplos ataques às conquistas democráticas, publicar é uma forma de resistência e também uma afirmação de valores.

Publicamos para afirmar a educação como o caminho a ser percorrido para nosso desenvolvimento e superação de nossas desigualdades. Ainda somos um país no qual mais de 8% da população adulta é analfabeta e metade da população tem, no máximo, 8 anos de estudo. Somos um país de aviltante concentração de renda e constrangedora segregação racial. Somos um país de violenta desigualdade de gênero e discriminação sexual.

Publicar, como forma de resistência, é afirmar a produção do conhecimento e a sua divulgação como estratégias de luta contra a destruição da democracia. Nisso, somos convocados a assumir um posicionamento ético e político acerca daquilo que elegemos como tema de nossos trabalhos, do modo como construímos nossos processos de investigação e dos efeitos que derivam de nossos textos.

Neste número, os leitores e leitoras poderão encontrar trabalhos que tratam de temáticas sensíveis às transformações nos arranjos sociais na contemporaneidade e que, considerados à luz de nosso cenário político, social e cultural, podem trazer importantes indagações para aqueles e aquelas preocupados com a construção de modos de pensar e agir científicos potentes para a transformação social.

Os textos aqui reunidos tratam de violência policial, conjugalidade e família, classe social, envelhecimento, gênero, sexualidade, diagnósticos psiquiátricos e capacidade física. A discussão desses temas é atravessada pelo questionamento das fronteiras socialmente construídas que delimitam as zonas de normalidade úteis à produção de dispositivos reguladores, segregadores e discriminatórios. Para além da zona de normalidade, estão aqueles e aquelas que sofrerão de modo mais violento os efeitos da agenda política atual que recrudescer modalidades de repressão violenta da diferença e legitima multiplicados dispositivos de produção da desigualdade.

A leitura desses textos deve, portanto, ser acompanhada da reflexão acerca do modo como temos produzido saberes capazes de abrir possibilidades de ação inusitadas e do modo como o conhecimento que construímos permite o agenciamento de formas mais úteis de enfrentamento das desigualdades.

Boa leitura!

Profº Drº Murilo dos Santos Moscheta

Revista Psicologia em Estudo
E-mail: revpsi@uem.br